

Ler&Contar

Acesso gratuito a contos inéditos de autores lusófonos, com ilustrações originais. O(a) jovem/professor(a)/pai/mãe/educador(a) vai ler o conto e, seguidamente, poderá contá-lo e oferecê-lo a uma criança que por sua vez o contará também, criando-o através da sua memória e da sua imaginação. Terá, ainda, em cada fascículo, um espaço reservado para fazer a sua própria ilustração.

Os autores dos contos que ofereceremos, à média de um por quinzena e com início a 10 de Maio, durante o ano 2020, são angolanos. De forma pro bono aderiram a este projecto que fará chegar a inúmeros leitores contos de escritores que são referência, a par dos de alguns valores emergentes no panorama da literatura lusófona.

Noitibó Confraria

Apostamos na criação de projectos de divulgação de autores.

Queremos fazê-lo de forma lúdica e imaginativa.

Autor

Cremilda de Lima

Cremilda de Lima nasceu em Luanda. Tem o Curso do Magistério Primário, é Bacharel em Pedagogia e Licenciada em Ensino Básico – 1º Ciclo. Foi nomeada duas vezes para o Prémio Internacional de Literatura Infanto-Juvenil Astrid Lindgren e para os Globos de Ouro Angola. Faz parte da primeira colecção de contos infantis “Colecção Pió...Pió...” editada em Angola. É membro da União dos Escritores Angolanos e da Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde. Vencedora do Prémio Nacional de Cultura e Artes Edição – 2016 na disciplina de Literatura. Condecorada com a Outorga de Medalha de Bravura e Mérito Cívico e Social de Segunda Classe, por sua Excelência Presidente da República João Manuel Gonçalves Lourenço, em 10 de Novembro 2018.

Ilustrador

Samuel Rego

Memórias de infância e adolescência: sempre de lápis na mão e cara salpicada de tinta. Seguiu o curso de Artes Visuais, pulando em seguida para a cidade de Caldas da Rainha; foi na ESAD.CR que aprendeu e desaprendeu o que é o design gráfico. Daí, rumou novamente a norte. Neste momento, está a concluir um mestrado em Design Gráfico e projectos editoriais na FBAUP (Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto).

Na Web

Sítio: www.lerecontar.com

Instagram: [@ler_contar](https://www.instagram.com/ler_contar)

Facebook: www.facebook.com/Ler-Contar

Ficha Técnica

Projecto: Glória de Sousa, Samuel Rego, Tomás Lima Coelho

Coordenação: Glória de Sousa

Autor do Conto: **Salvina Ribeiro**

Concepção Gráfica: Samuel Rego

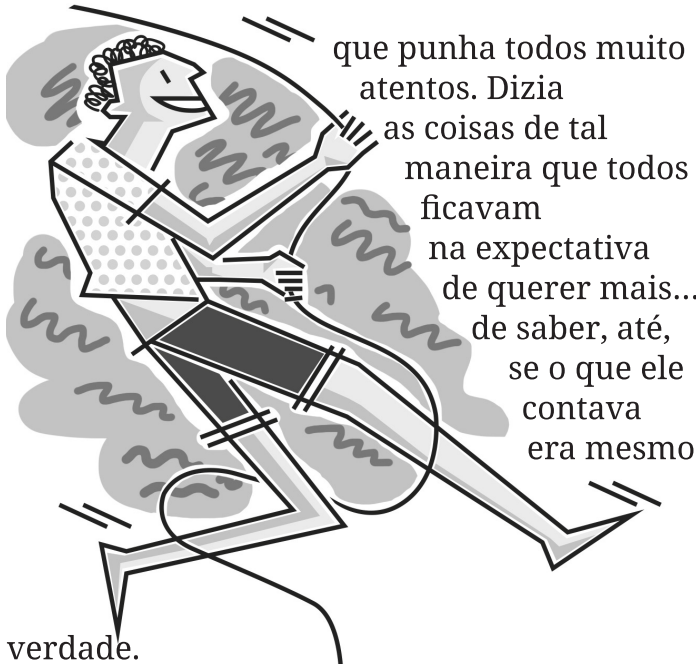
Produção: Noitibó Confraria

Caracteres: Noto Sans/Noto Serif

Contacto: lerecontar2020@gmail.com

Colaboração: Débora Oliveira, Maria José Moreira, Paula Cochat, Teresa Brarens, Maria João Teles Grilo

Proibida a venda.



que punha todos muito atentos. Dizia as coisas de tal maneira que todos ficavam na expectativa de querer mais... de saber, até, se o que ele contava era mesmo

verdade.

Marcelino era o mais endiabrado do grupo. Conseguia, com as suas proezas, deixar todos de boca aberta. Nas barrocas havia muitas árvores e ele é que era o Tarzan, saltando de umas para as outras com muita destreza... até que um dia se estatelou no chão. Inanimado?!...

O grupo era grande. Porém, de tão assustados, o silêncio era tal, que nem o barulho das folhas das árvores se ouvia. Pareciam estátuas.

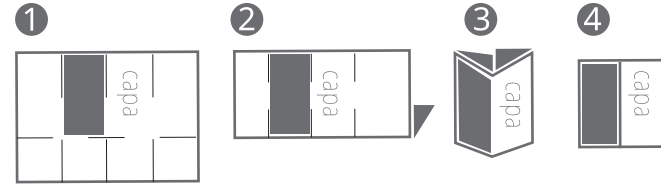
Jaime ganhou asas e foi pedir socorro. Quando a mãe do amigo chegou, não sei se foi kazumbi, Marcelino levantou-se, olhou para todos e disse:

– Opá! Adormeci?!... O voo foi tão divertido que até vi macacos a saltar de galho em galho nos imbondeiros

2

Jaime e Marcelino eram dois kambas que viviam no mesmo bairro. Companheiros de brincadeiras e diabruras. Mas veio um dia em que tiveram de separar-se...

Instruções de dobragem



NOITIBÓ
CONFRARIA



LER & CONTAR

AS HISTÓRIAS DO AVÔ PANGUILA

CREMILDA DE LIMA

Jaime e Marcelino eram dois kambas que viviam no Bairro da Cidade Alta, em Luanda; um na Rua do Sol, o outro na Rua do Casuno.



Nas cercanias, ficavam umas barrocas grandes, propensas a grandes jogos de futebol (trumunos) e à pesquisa de tesouros escondidos na areia que era sem dúvida areia da praia... pedrinhas... brilhantes... conchas... búzios... objectos em cobre... pequenos adereços... diziam os mais velhos que esses tesouros que os garotos tanto escavavam, se encontravam naquelas areias, porque nos tempos dos tempos, o mar chegava ali. Ambos tinham uma família numerosa, constituída pelos pais e irmãos, e eram todos muito amigos. Os dois destacavam-se pois eram os mais endiabrados. Tinham características bem diferentes: Jaime era mais calmo, um pouco inibido mesmo, medroso...porém, quando, na hora do sungular, se juntavam todos numa grande roda, com uma pequena fogueira no meio, ele era o que mais se destacava pois tinha um tom de voz

1

e nas alfarrobeiras e as múcuas e as alfarrobas a rirem das suas tropelias...
Só então viu a mãe:
– Perdoa-me, mãe! Leva-me já para o castigo!
Mas desta vez tens que me amarrar com uma corda, pois um fio de linha não me aguenta.
Jaime chorava. Chorava tanto, que o próprio Marcelino lhe deu um grande abraço.
– Que grande susto apanhei! Dá cá mais um abraço, para eu sentir dentro de mim, meu kamba, que tudo não passou de um mau momento.
Um dia, decidiram visitar o Museu de História Natural, que ficava mesmo junto às ruínas da Igreja de Jesus. Era um grande grupo de amigos. Eram muitos os animais embalsamados. Jovens e endiabrados, com a cabeça cheia de sonhos e brincadeiras, de que é que se haviam de lembrar?
– Conta! Conta! - pedia Jaime, entusiasmadíssimo. Marcelino punha mais gindungu na narração:
– Assim que entrámos, e não éramos poucos, as nossas cabeças fervilhavam de ideias malucas. De repente, resolvemos imitar cenas de filmes de cowboys: montámos os diversos animais e começámos a fazer de conta que estávamos a disparar uns contra os outros...uma autêntica cena do Far West!
Até que o polícia apareceu e todos fugimos a sete pés.
Eram mesmo sortudos estes dois kambas. Perto da casa do Jaime, ficava o Jardim da Cidade Alta e era muito agradável quando

3

a banda de música tocava no Coreto e toda a comunidade ia assistir.
Por outro lado, perto da casa do Marcelino, ficava o Parque Heróis de Chaves, que tinha tudo, tudo, para fazer as pessoas felizes e saudáveis.
Quando se realizavam as Feiras do Livro, toda a cidade se alvoroçava, vinham crianças de várias escolas. Os baloiços e os escorregas brilhavam de tanta alegria. As plantas de várias formas cores e feitios enfeitavam os olhos de todos.
Certo dia resolveram fazer um concurso.
– Estás a ver a ponte de Diogo Cão, aquela que fica antes da Fortaleza de S.Miguel? Que tal fazermos uma corrida, a ver quem a atravessa primeiro? – disse Marcelino, sempre com ideias a ferver.
– Estás maluco ou quê? Isso é muito perigoso – disse logo Jaime.
Marcelino, que estava sempre a aprontar, pôs-se a correr. E o Jaime atrás...
A ponte era alta e tinha dois paredões, um do lado direito e outro do lado esquerdo; ficava na cidade, com duas belas paisagens: a praia da Chicala e a Ilha de Luanda.
A pé coxinho e sem pensar nas consequências, Marcelino atravessou-a andando por cima de um dos paredões.
Jaime, com os joelhos no chão, ia avançando lentamente.
No fim abraçaram-se, pois, cada um ao seu jeito, ambos tinham conseguido o que pretendiam. Riram-se do papelão que fizeram: um, o grande pássaro;

4

o outro, o cágado, a jogar pelo seguro.
Foi já ao entardecer que Jaime apareceu em casa do Marcelino. Chorava tanto que até fazia dó.
– O que é que se passa, meu kamba? Fiz alguma coisa que te magoou?
– Não! Claro que não! O meu pai foi transferido e vamos todos para Benguela.
Os anos passaram e nunca mais se viram. Até que um dia, Marcelino, atleta sénior de ginástica do Sporting Clube Luanda, foi com o clube fazer um sarau em Benguela.
O campo estava cheio. Toda a gente aplaudia as grandes performances dos atletas.
Marcelino fez um grande salto de anjo, num plinto de oito caixas e, quando bateu os pés firmes no chão, uma grande ovação ecoou.
– Marcelino, meu amigo, meu herói, só podias ser tu a pôr todo este estádio de pé! Jaime correu, correu, e foi abraçar o amigo que vivia sempre no seu pensamento.
Momento mágico. Emocionado por voltar a abraçar o seu inesquecível amigo, Marcelino era o que mais chorava. As montanhas nunca se encontram, mas as pessoas, nem que passe muito tempo, podem encontrar-se.

5



**Cria aqui
a tua ilustração
do conto!
Digitaliza-a
e envia-a
para nós.**